

BERNARD LAHIRE E A SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO PORTUGUESA

Pedro Abrantes* & Sofia Amândio**

Resumo: O presente artigo procura contribuir para o avanço da investigação em sociologia da educação, equacionando as propostas teóricas de Lahire, à luz da sua relevância para a compreensão das realidades educativas contemporâneas em Portugal. Propomos então discutir três temas fortes do percurso de investigação empírica de Lahire sobre a educação e a cultura: a produção do insucesso escolar na escola primária; o sucesso escolar em meios populares; e os diferentes modos de estudar no espaço do ensino superior. A análise destas propostas deixa-nos a convicção da sua utilidade para aprofundar e alargar a nossa compreensão dos fenómenos educativos, a partir das relações quotidianas entre a experiência escolar e as práticas de socialização familiar, fundamentalmente, no trabalho realizado pelos indivíduos para «tecer» as disposições desenvolvidas em diferentes campos da vida social.

Palavras-chave: insucesso escolar, socialização familiar, ensino superior, desigualdades sociais, Portugal

BERNARD LAHIRE AND THE PORTUGUESE SOCIOLOGY OF EDUCATION

Abstract: This article aims to contribute to the advancement of research in Sociology of Education, by considering the theoretical proposals of Lahire with regard to their relevance in understanding contemporary educational realities in Portugal. We explore three strong themes from Lahire's empirical research on education and culture: school failure in elementary school; school success in popular classes; and the different modes of study in higher education contexts. This analysis shows that these points can be very useful in broadening our understanding of educational phenomena,

* Universidade Aberta e CIES-IUL – Centro de Investigação e Estudos de Sociologia, Instituto Universitário de Lisboa (Lisboa/Portugal).

** CIES-IUL – Centro de Investigação e Estudos de Sociologia, Instituto Universitário de Lisboa (Lisboa/Portugal), e Centre Max Weber (CNRS), Université de Lyon (Lyon/França).

focused on the daily relationship between the educational experience and the practices of family socialization. Most significantly, it is important to relate this analysis to the work done by individuals to «weave» the ideas developed in different fields of social life.

Keywords: school failure, family socialization, higher education, social inequalities, Portugal

BERNARD LAHIRE ET LA SOCIOLOGIE DE L'ÉDUCATION PORTUGAISE

Résumé: Cet article prétend contribuer à la recherche en sociologie de l'éducation par le biais d'une réflexion sur les propositions théoriques de Lahire dont la pertinence pourrait permettre une meilleure compréhension des réalités éducatives contemporaines au Portugal. Nous nous proposons ainsi d'aborder trois thèmes centraux du travail empirique de Lahire sur l'éducation et la culture: la production de l'échec scolaire à l'école primaire; la réussite scolaire en milieux populaires; et les différentes manières d'étudier dans l'espace de l'enseignement supérieur. L'analyse de ces propositions nous a permis d'acquérir la ferme conviction que celles-ci sont essentielles pour approfondir et élargir la compréhension des phénomènes éducatifs, à partir de l'examen des relations quotidiennes entre l'expérience scolaire et les pratiques de socialisation familiale. Ces relations sont principalement évidentes dans le travail réalisé par les individus pour «tisser» des dispositions dans différents domaines de la vie sociale.

Mots-clés: échec scolaire, socialisation familiale, enseignement supérieur, inégalités sociales, Portugal

O objetivo do presente artigo é apresentar e discutir algumas das linhas de força do trabalho de investigação de Bernard Lahire, assim como a sua relevância para a compreensão das realidades educativas contemporâneas em Portugal. Ao longo do texto procura-se mostrar como o autor tem desenvolvido uma abordagem inovadora, em termos teóricos e metodológicos, parcialmente já incorporada em estudos desenvolvidos no nosso país, ainda que estes não deixem também de interpelar alguns dos argumentos teóricos, não apenas no sentido de afirmar a existência de especificidades locais e nacionais, mas também com contributos para o contínuo aperfeiçoamento teórico.

O interesse desta empresa não se pode desligar de um projeto de renovação da sociologia da educação. Como comenta o próprio Lahire (2008), esta área conheceu uma enorme visibilidade, não apenas no meio científico, mas também no âmbito político-mediático e na formação de professores/as-educadores/as, com os grandes estudos e debates sobre desigualdades sociais, entre os quais se destacaram, em França, os trabalhos de Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron, Christian Baudelot e Roger Establet ou Raymond Boudon¹. Também em Portugal,

¹ Lahire demarca-se do individualismo metodológico de Boudon, considerando que este descarta o passado socializado dos indivíduos (Lahire, 2012).

depois de uma incursão pioneira de Adérito Sedas Nunes, este filão analítico foi percorrido por autores/as como Maria Eduarda Cruzeiro, Sérgio Grácio, Ana Benavente ou Stephen Stoer, sendo fundamental para a consolidação do campo da sociologia da educação no nosso país (Abrantes, 2011). Contudo, em anos mais recentes, estas perspetivas parecem ter conhecido não apenas um efeito de saturação e desatualização, mas também uma *apropriação (ou banalização) legitimista e conservadora*, segundo a qual a transmutação entre desigualdades sociais e escolares seria uma constante histórica – uma «lei social» – sobre a qual pouco ou nada haveria a fazer. A própria sofisticação metodológica de alguns estudos recentes sobre o tema, em parte desenvolvidos por economistas, no âmbito de organismos internacionais, não esconde algum empobrecimento dos quadros teóricos, o que trouxe consigo uma relativa desvalorização da sociologia da educação, tanto no meio científico-educativo como nos debates públicos.

O trabalho de Lahire situa-se, então, na senda de uma revisão crítica das linhas clássicas de investigação em sociologia da educação e, logo, de um reinvestimento teórico e analítico que coloca a disciplina, de novo, num lugar de charneira, tanto no plano teórico-metodológico como no plano das políticas e práticas educativas. Além de um exercício de imaginação sociológica, isso implica a articulação entre linhas teóricas que se têm desenvolvido em separado e, inclusive, um diálogo com o conhecimento produzido noutras áreas científicas, como por exemplo a sociolinguística, na abordagem das práticas linguísticas em meio escolar. De igual forma, alguns/mas investigadores/as têm vindo a utilizar o seu quadro teórico-metodológico para produzir novos conhecimentos sobre a realidade portuguesa que importa conhecer e debater.

Neste artigo, propomos então analisar três temas fortes do percurso de investigação de Lahire sobre a educação e a cultura, discutindo a sua aplicação ao caso português: i) a produção do insucesso escolar na escola primária; ii) o sucesso escolar em meios populares; e iii) os diferentes modos de estudar no *espaço do ensino superior*. Estas são algumas das temáticas que, reunidas num mesmo modo de pensamento, nos permitirão ilustrar uma abordagem não legitimista da cultura e da educação, sempre situada no tempo e no espaço. É, aliás, deste modo, que se tenta dar visibilidade a realidades camufladas por noções, categorias e variáveis consolidadas na sociologia, discutindo o potencial explicativo dos *capitais* (ou recursos) *versus* o potencial explicativo de uma análise baseada na *transmissão de disposições*, realçando o valor heurístico dos *casos estatísticos atípicos* (ou de «contratendência»), explorando as *exceções escritas ao sentido prático* ou, ainda, destacando a variável *tipo de curso* no contexto específico do ensino superior.

Desigualdades sociais perante a cultura escolar escrita

A relação estabelecida entre a escola, a escrita e as desigualdades escolares – objeto de estudo da tese de doutoramento de Lahire (1990) – é fruto da mobilização de trabalhos de investigação da sociologia da educação e da sociolinguística, assentando na necessidade de uma análise renovada e menos «legitimista» das práticas escolares. A história das formas de aprendizagem escolar, a natureza dos saberes transmitidos pela escola e as relações socialmente diferenciadas com esses mesmos saberes assumem assim particular destaque.

Deste trabalho de investigação resultou o seu primeiro livro, *Cultura Escrita e Desigualdades Escolares* (*idem*, 1993a), sobre as modalidades de socialização escolar na escola primária e a «forma escritural-escolar». Com base na observação em salas de aula e, em particular, nos exercícios feitos pelos/as estudantes, debruçou-se sobre o modo como as crianças de meios populares se relacionam com o saber escolar, a linguagem e a cultura escrita, perspetivando, deste modo, novas lógicas relativas à produção quotidiana de desigualdades sociais (*idem*, 1993b, 2003, 2008).

A formação escolar como «forma social escritural» leva-nos, neste livro, ao estudo das «práticas escriturais e gráficas» (*idem*, 1993a: 115) e, por esta via, ao nível da «relação reflexiva com a linguagem, do ascetismo, do domínio dos métodos do trabalho intelectual e dos hábitos de planificação do trabalho». Aqui, o insucesso escolar e, mais genericamente, as dificuldades escolares de crianças de famílias com baixo estatuto socioeconómico são examinados «com base nas características dos saberes escolares», por um lado, e nas «disposições socioculturais necessárias à apropriação sistemática desses mesmos saberes», por outro. Cruzando os princípios das práticas escolares com os princípios que subjazem às resistências que os/as estudantes oferecem às lógicas escolares, Lahire reconstrói uma «situação social complexa e contraditória» e apreende o ponto de vista daqueles que sofrem o insucesso escolar (*ibidem*: 76). Tal como explica mais tarde a propósito deste estudo,

A escola desenvolve uma relação específica com a linguagem, pressupondo uma relação estudada, distanciada, e objetivada com a mesma, de vários pontos de vista (fonológico, lexical, gramatical e textual), sendo alvo de um trabalho consciente, voluntário e intencional («relação escritural-escolar com a linguagem»). Tudo se passa como se os estudantes que reprovam não conseguissem entrar no jogo da linguagem escolar, acabando por tratar a linguagem como algo dissociável das situações de enunciação e das situações construídas pelos enunciados («relação oral-prática com a linguagem»). (*idem*, 2008: 110)

A compreensão do «insucesso» (e do «sucesso») escolar assente na oposição conceptual entre dois tipos de códigos linguísticos (restrito e elaborado), dois arbitrários culturais (dominante e dominado) e dois tipos de relações com a linguagem (escritural-escolar e oral-prática),

utilizada neste estudo (*idem*, 1999), é balizada por polos opostos, seguindo a tradição clássica da sociologia da educação (Bourdieu & Passeron, 1970; Bernstein, 1975). Porém, não esquece situações mistas e ambivalentes relativas a estudantes «médios/as», já que são portadores/as de disposições escolares que – não sendo inexistentes – não são suficientemente fortes para se imporem sistematicamente perante as disposições não escolares. Aliás, mesmo no caso de crianças em profundas dificuldades escolares, estas não saem inalteradas da escola e desenvolvem, também elas, comportamentos escolares ambivalentes.

Nesta obra, torna-se claro que «a escolarização, a pedagogização das relações sociais» e a «escrituralização dos saberes e das próprias práticas» contribuem para a produção de diferenças sociais (Lahire, 1993a: 41). A relação com a linguagem, constituída no seio da cultura escrita, é deste modo colocada «no princípio do sucesso – ou do insucesso – escolar» (*idem*, 2008: 110). Prosseguindo nesta linha de investigação, o livro *A Razão dos Mais Fracos* (*idem*, 1993c) incide sobre os modos profissionais e extraprofissionais de apropriação da escrita nos meios populares.

Na sociologia da educação portuguesa, não existem até ao momento estudos que articulem, com este grau de profundidade teórico-metodológica, as dinâmicas familiares e escolares, focando o caso da aprendizagem da escrita e da leitura. Contudo, sem pretensões de exaustividade, é importante ressaltar os importantes contributos para este trabalho de duas linhas de investigação, uma mais centrada nas práticas escolares e outra nos quotidianos familiares.

No primeiro caso, pela sua consistência, relevância e influência na investigação educacional subsequente, destacamos aqui os trabalhos coordenados por Stephen Stoer e Luiza Cortesão (1999) que versam sobre desigualdades sociais e educação multicultural, atribuindo um papel central à participação das crianças nas suas comunidades locais.

Tal como Lahire, os autores partem de uma noção das crianças enquanto agentes criativos que participam, simultaneamente, na vida escolar e na vida familiar, incorporando – e contribuindo na reconstrução – os respetivos referentes culturais. Neste sentido, o insucesso escolar não é entendido como resultado de uma incapacidade da família na preparação da criança para a escola, mas sim de uma cultura escolar que, ao conceber-se como a transmissora da única cultura (ou de uma cultura superior), funciona como uma máquina de menosprezo e exclusão das outras formas culturais, bem como dos/as seus/suas portadores/as, neste caso, tanto as crianças como as suas comunidades de origem.

No entanto, ao centrarem a sua análise na vida escolar e mesmo reconhecendo a existência de uma orientação «hegemónica», esta linha de investigação explora a existência de diferentes práticas pedagógicas, nomeadamente no seu posicionamento face à diversidade cultural, assumindo-se igualmente como agentes de construção de uma nova cultura escolar. Assim sendo, Stephen Stoer (1994, 2001) desenvolve uma análise sobre os movimentos sociais e cul-

turais em favor de uma «educação inter/multicultural», assim como as formas como estes podem fomentar a «recontextualização pedagógica», o «bilinguismo cultural», o sentido crítico e a integração/justiça social. Na mesma linha, os projetos de investigação-ação, coordenados por Luiza Cortesão (e.g. Cortesão, 1994), em escolas básicas de «insucesso escolar» massivo mostram como se pode desenvolver um trabalho, na escola, de resgate, interpretação e reflexão das experiências quotidianas, no sentido de valorizá-las e encontrar pontes com o desenvolvimento de competências valorizadas pela «sociedade dominante».

Apesar do enfoque na escola, nesta abordagem, as crianças e as suas famílias não deixam de ser vistos como agentes críticos, reflexivos e criativos, que vão buscando formas diversas de lidar com a instituição escolar, ora procurando ao máximo corresponder às suas exigências, ora pelo contrário desenvolvendo formas de resistência e fuga. Neste caso, ganha particular relevância a recente valorização política da relação escola-família, que, como mostram os autores, tende para uma imposição moral da figura do «pai responsável», por parte da escola, enquanto colaborador do trabalho escolar, em vez de uma verdadeira parceria, assente no interconhecimento e respeito mútuo (Stoer & Cortesão, 1999).

Equacionar o trabalho produzido por esta linha de estudos permite, assim, alargar o quadro teórico-metodológico proposto por Lahire, explorando a diversidade não apenas dos regimes familiares, mas também dos modelos escolares de socialização, sendo as disposições das crianças e jovens formadas, em grande medida, no trânsito entre as práticas culturais desenvolvidas nos quotidianos de ambas as instituições, bem como no modo como se representam mutuamente. A este propósito, a relação entre escrita e oralidade permanece como uma questão a merecer investigação mais aprofundada, no contexto português.

Outras investigações desenvolvidas no nosso país e com claras relações e afinidades com os estudos de Lahire são aquelas que se têm centrado nas estratégias educativas das famílias e nos seus efeitos nas experiências e percursos escolares. Referimo-nos, particularmente, a três estudos desenvolvidos em distintas universidades, mas com claros pontos de convergência.

A análise de Teresa Seabra (1999) distingue uma estratégia educativa «contratualista», centrada na negociação permanente e no desenvolvimento das potencialidades singulares de cada criança, de uma outra, «estatutária», focada na ação coerciva e disciplinadora, com vista a uma acomodação às normas sociais vigentes. Esta segunda, própria das classes populares, está associada ao desejo de sucesso escolar dos filhos e filhas, mas marcada por dúvidas permanentes quanto à sua possibilidade de concretização, uma relação de distanciamento e exterioridade (eminentemente reativa) com a instituição escolar, assim como uma visão positiva das funções socializadoras da televisão e tendencialmente negativa no que respeita às sociabilidades juvenis.

Por seu lado, Ana Nunes de Almeida (2005) explora a relação dialética entre a transformação da instituição família e a escolarização de massas. Assim sendo, a frequência prolongada

e o sucesso escolar supõem – e contribuem para – uma visão moderna de família, punindo aqueles/as que não a adotam. Apesar da existência de uma representação dominante e normativa de família, a autora assinala que há uma diversidade de práticas, estilos e estratégias familiares com impactos assimétricos nos percursos escolares. Em particular, a pertença à classe popular não é independente da posse de menores recursos materiais e simbólicos (e uma maior dimensão média dos agregados), com efeitos negativos na capacidade de compreender e cumprir as exigências escolares, no quadro de um sistema educativo complexo e em permanente transformação.

Por fim, o inquérito realizado às famílias da ilha de São Miguel (Açores) por Ana Matias Diogo (2008), no âmbito da sua tese de doutoramento, mostra que as práticas educativas e culturais das famílias têm correlação com os percursos, as escolhas e as expectativas escolares dos filhos e das filhas. Ainda que, para muitos itens, tal correlação apenas reflita (e assim reforce) as desigualdades de classe, o estudo mostrou também que certas atividades culturais, nomeadamente a leitura frequente e a compra de livros não escolares, por parte dos pais, têm um impacto significativo no sucesso escolar, independentemente da posição na estrutura social, assim como o visionamento intensivo de televisão tem o efeito inverso. Porém, este estudo não permitiu comprovar a teoria de Lahire em questões como o peso da utilização da escrita nos quotidianos familiares, uma vez que o efeito escolar de tais práticas parece diluir-se quando se considera a classe social de origem.

Em traços gerais, estes três estudos convergem com Bernard Lahire no princípio de que a função reprodutora da escola, materializada nas taxas massivas de insucesso escolar nas classes populares, bem como no abandono escolar ou na orientação para vias profissionais de uma grande parte das crianças destes meios, não é um processo independente das práticas, relações e estratégias familiares. Contudo, não atribuem uma importância central à leitura e escrita, no âmbito familiar, sendo que o único estudo que procura testar o peso deste fator (Diogo, 2008), entre uma extensa bateria de variáveis de práticas familiares, não atribui ao uso quotidiano da escrita e leitura um poder explicativo forte nos percursos escolares das crianças que se possa dissociar das condições sociais das famílias.

Curiosamente, o que estes estudos sugerem é que, nas classes populares, é a ação coerciva e disciplinadora das famílias assim como a mobilização das crianças para outras práticas, seja de trabalho, seja de fruição hedonista (como o visionamento intensivo de televisão), que contribuem para o seu insucesso e abandono escolares, sobretudo quando colocadas em contraste com o investimento escolar das famílias das classes favorecidas, através do envolvimento negociado das crianças em práticas associadas a segmentos culturais dominantes (ida a museus, teatros, etc.) e da influência nos percursos escolares (relação com os professores, acesso a escolas, turmas e cursos privilegiados), no sentido da manutenção de uma distintividade social.

Sucessos escolares em meios populares

Bernard Lahire voltou à questão das dificuldades escolares de estudantes de origem popular, explorando, em *Sucesso Escolar nos Meios Populares* (Lahire, 1995), porque é que em condições familiares semelhantes, de baixo rendimento e de baixo capital escolar, as crianças são passíveis de conhecer quer o «sucesso» quer o «insucesso» escolar. Se a macrosociologia indica que as crianças de meios socioculturais desfavorecidos estão mais expostas ao insucesso escolar, algumas delas não deixam de ser bem-sucedidas na escola. Os casos estatísticos improváveis levam-nos, pois, a conhecer de perto fenómenos de «herança» ou «transmissão» cultural e a encetar o «desafio sociológico que consiste em dar conta de situações atípicas» (*Ibidem*: 12), onde aquilo que parece ser estatisticamente insignificante é, na realidade, significativo.

Reconhecendo que a escolaridade longa e bem-sucedida dos pais lhes dá maiores possibilidades de criar condições para que as crianças desenvolvam também disposições que conduzam ao sucesso escolar, Lahire lembra, no entanto, que a

relação estabelecida entre o «capital escolar dos pais» e o «nível de performance escolar da criança» permanece, tipicamente, no registo do pensamento estatístico, pois isola duas características de universos sociais nos quais eles «existem» (o capital escolar/universo familiar, e a classificação de avaliação nacional/universo escolar). (2008: 137)

Assim, salvo se o intuito for repetir ou reificar conceitos, somos levados a reconhecer que os capitais escolares não existem de forma concreta, existindo antes indivíduos titulares de diplomas e de disposições escolares em situações sociais determinadas. É neste sentido que afirma ser imprudente «falar de “lei social” e adoptar a linguagem de uma parte das ciências da matéria, para evocar uma relação estatisticamente atestada (i.e., que não proíbe excepções) e historicamente pertinente (i.e., susceptível de variações históricas)» (*ibidem*).

A partir do estudo de «casos singulares» relativos a «configurações familiares» que desvendam o sucesso escolar em meios populares, Lahire analisa os fenómenos da transmissão e da herança que, longe de se processarem de modo mecânico, são apresentados como uma «construção-apropriação»:

Porque o «capital cultural» está em parte condenado a viver no estado incorporado, a sua «transmissão» ou «herança» dependem dos seus «portadores»: da sua relação com a criança, da sua capacidade (socialmente constituída) em encarregar-se da sua educação, da sua presença junto deste último ou, enfim, da sua disponibilidade para transmitir à criança certas disposições culturais ou para acompanhá-la na constituição das suas disposições. (1995: 89)

A observação de diferentes modalidades de socialização familiar permite ilustrar o modo como o capital cultural parental ou familiar pode ser transmitido, não encontra necessariamente

condições para a sua transmissão, ou ainda como, na ausência de capital cultural e perante a inexistência de uma ação expressa de transmissão de capital cultural, os saberes escolares são ainda assim apreendidos pelas crianças:

Foram identificados cinco temas considerados pertinentes para a descrição das situações familiares: as formas familiares da cultura escrita, as condições e as disposições económicas, a ordem moral doméstica, as formas de exercício de autoridade familiar e os modos familiares de investimento pedagógico. (*idem*, 2008: 128)

O exame de diferentes socializações internas aos meios populares – ou das relações de consonância e de dissonância de «regimes disciplinares familiares e escolares, diferentes ou opostos» (Lahire, 1995: 26) – indica que o sucesso escolar de algumas crianças está ligado à presença de elementos contraditórios. A distância possível entre os capitais detidos pelos pais pode manifestar-se nos princípios de socialização e em «tipos de orientação muito diferentes, ou mesmo opostos face à escola» (*ibidem*: 281). Os contextos familiares, não constituindo realidades homogéneas, apontam para vários casos de heterogeneidade em que as crianças se encontram rodeadas de pessoas que representam diferentes tipos de orientação face à escola, o que permite aos/às estudantes ter pelo menos um membro da família em que se podem apoiar ao nível das suas experiências escolares.

No quadro de uma sociologia dos «processos de constituição das disposições sociais» mentais e comportamentais, em que são descritas e analisadas as modalidades concretas da socialização familiar e escolar, as próprias noções de «capital cultural» e de «transmissão» ou de «herança» perdem pertinência. Com isto não se pretende dizer que podemos escapar facilmente ao nosso meio de origem. O indivíduo incorpora experiências socializadoras mais ou menos heterogéneas no seio da família, mas elas não são isoladas e não são sempre transferíveis a outras situações. Dito de outro modo, o determinismo sociológico não se reduz aos efeitos do meio familiar ou da classe social.

Ao descrever as relações familiares de interdependência que constroem a criança a *comportar-se da forma como ela se comporta*, no quadro escolar, Lahire desenvolve o modelo da «necessidade feita virtude», ou seja, do constrangimento exterior transformado em motor interior, gosto, paixão pessoal ou em necessidade vital. Uma ilustração disto é o facto de algumas crianças de meios populares parecerem interiorizar precocemente o sucesso escolar como uma necessidade interna, pessoal. É neste sentido que afirma: «O modelo da “necessidade feita virtude” designa, em boa verdade, uma modalidade particular de existência do social incorporado e da sua atualização» (1999: 39).

A transmissão cultural deve apoiar-se na vontade, no desejo de construir hábitos, vontade ou desejo que vêm nomeadamente suportar, encorajar o esforço exigido, em particular quando a transmissão se efectua ao longo de vários meses ou anos (...) Mesmo não se tratando sempre da vontade ou do desejo de construir hábitos, a

relação afetiva mantida entre quem transmite e o que é transmitido (o que está em causa na relação) é uma dimensão incontornável da construção das competências ou das apetências culturais. Se o gosto por um aspecto da herança não é condição *sine qua non* da sua transmissão porque «as disposições (morais ou culturais) «indesejáveis» podem sempre ser constituídas pelas crianças. (*idem*, 1998: 207-209)

Este trabalho de Bernard Lahire constituiu uma referência central de um conjunto de estudos recentes, em Portugal, sobre «percursos de contratendência», isto é, trajetórias de sucesso escolar e académico de jovens de meios populares.

A este propósito, destaque-se um grande projeto sobre os/as estudantes do ensino superior, desenvolvido entre o Centro de Investigação e Estudos de Sociologia do Instituto Universitário de Lisboa (CIES-IUL) e o Instituto de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (IS-FLUP), e que incluiu uma análise dos trajetos de vida de diferentes perfis de estudantes, alguns classificados como de «contratendência» (Costa, Lopes, & Caetano, 2014). Os «retratos sociológicos» destes/as estudantes apontam, assim, para casos de forte agência individual, alicerçada em valores, estratégias e esforços bem demarcados, desde uma idade precoce, e que passam pelo sistema educativo como via de mobilidade social ascendente. Como acrescentam os autores, «esta capacidade de agência não nasce num vácuo social, parecendo antes ser induzida e estimulada ora pelas famílias de origem, ora por professores incentivadores, ora ainda pela rede de sociabilidades» (p. 565).

Também a pesquisa de Elsa Teixeira (2010) no Centro de Investigação e Intervenção Educativas da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto (CIE/FPCEUP) aponta para a importância de pais e avós, cuja frustração das ambições escolares é transformada numa estratégia de investimento na educação dos filhos e filhas, logo a partir de uma boa relação com a escola, no 1º ciclo, incluindo os incentivos à leitura e o afastamento do trabalho profissional ou mesmo doméstico, apesar dos pesados constrangimentos económicos, de modo a que as tarefas escolares assumam o lugar central nos quotidianos das crianças. Através de entrevistas aos/às estudantes e às suas mães, a autora encontra relações de grande proximidade e cumplicidade, consubstanciadas numa profunda coincidência, em valores como o cálculo racional, as disposições ascéticas, a abnegação, o cumprimento de normas e o esforço individual. Estes/as jovens tendem, inclusive, a sentir-se responsáveis pelo investimento afetivo e financeiro das suas famílias, sendo parcos, por exemplo, nas práticas de convivalidade juvenil.

Refira-se, igualmente, a tese de doutoramento de Cristina Roldão (no prelo) sobre «percursos de contratendência», em que a autora constata o impacto da estabilidade e ordem familiar, assim como da forte orientação para o sucesso escolar e a mobilidade social, impressa na socialização dos/as filhos/as, sobretudo pela mãe, ainda que frequentemente apoiada também por algum familiar ou amigo com trajetos académicos bem-sucedidos. Ainda assim, a autora encontrou igualmente fatores importantes, nos percursos biográficos dos/as jovens e que não remetem,

pelo menos diretamente, para dinâmicas familiares, tendo a ver com grupos de sociabilidade, associações locais, práticas de lazer e com a ação específica de alguns/mas docentes. Por fim, também o trabalho recente de José Palhares e Leonor Torres (2012), no Centro de Investigação em Educação da Universidade do Minho (CIEd/UMinho), sobre estudantes do «quadro de mérito» numa escola secundária do norte do país, contém alguns elementos importantes para este debate. Por um lado, os autores evitam naturalizar os conceitos de «sucesso escolar» ou «excelência académica», associando-os claramente a modelos escolares específicos. Por outro lado, mostram como estes/as estudantes explicam o seu êxito escolar pela qualidade da docência e o clima da escola, mais do que pelas suas condições familiares ou pelo mérito individual.

Assim, podemos dizer que a análise dos casos de sucesso escolar entre jovens dos meios populares, impulsionada por Bernard Lahire, conheceu, nos últimos anos, um forte investimento na sociologia da educação portuguesa, em diferentes centros de investigação. Estes estudos variaram entre uma confirmação da importância das dinâmicas familiares, abordadas pelo autor francês, e a constatação de outros fatores explicativos destes «percursos improváveis», com particular destaque para o «efeito-escola» e as redes de sociabilidade juvenis.

Modos de estudar no ensino superior

Ainda durante os anos 1990, Lahire trabalhou, no quadro do conselho científico do *Observatoire de la Vie Étudiante Française*, a relação dos/as estudantes com o saber e com a cultura, em função do tipo de curso² pelo qual enveredam no ensino superior – desde as formações técnicas mais curtas (correspondendo em Portugal aos cursos de especialização tecnológica), até às *classes préparatoires* de acesso às *grandes écoles*³, passando pelas restantes formas de estudos universitários. Daqui resultou a obra *As Maneiras de Estudar* (1997)⁴.

² A noção «tipo de curso» remete-nos, nesta data em França, para o «tipo de ensino» e a «área de estudo», sintetizando numa mesma ideia o estatuto do estabelecimento e o domínio científico.

³ As *grandes écoles* são uma especificidade do sistema de ensino francês. Instituições do ensino superior de elite (e.g. École Normale Supérieure de Paris, 1794), distinguem-se do ensino universitário pelo acesso condicionado a uma prestação rigorosa de provas, que contribui para a seleção dos/as melhores/as alunos. Sem equivalente estatutário noutro lugar (salvo, por exemplo, a École Normale Supérieure de Pisa, 1810, ou a ENS de Kouba em Alger, 1964, por razões históricas), os diplomas atribuídos cumprem, no entanto, critérios internacionais de equivalência (licenciatura, mestrado, doutoramento). Em França, as *classes préparatoires* são precisamente um período de preparação para os concursos de admissão às escolas superiores, entre as quais as *grandes écoles*. Alocadas geralmente nos liceus, selecionam os/as estudantes mediante candidatura e por recomendação e acompanham-nos/as durante dois a três anos. O equivalente mais próximo em Portugal será o «ano zero» que prepara o acesso ao ensino superior.

⁴ A este propósito, ver também Lahire (2000, 2002b, 2004b).

Com o objetivo de interpretar os resultados dos dois primeiros grandes inquéritos franceses sobre as condições de vida dos/as estudantes, realizados em 1994 e em 1997 ($N = 27.000$), examinaram-se «áreas de estudo» e «tipos de socialização escolares», procurando a sua correlação com a posição dos/as estudantes em polos opostos de atitudes e comportamentos, mensurando a inequívoca caricatura que isto supõe, por relação ao conjunto de *nuanças* que qualquer «inquérito por série de entrevistas individuais» permite tornar visíveis. Esta análise deu azo, inclusive, a uma reflexão sobre a singularidade do tipo de prova utilizada nos estudos de caso, por oposição ao tipo de prova utilizada nos casos estatísticos, ilustrativos de tipos ideais assentes em propriedades genéricas e de tendências associadas a grupos ou categorias.

Tratava-se, antes de mais, de explorar o potencial heurístico da variável *tipo de curso*, considerando que esta está para o «espaço do ensino superior» como a categoria socioprofissional está para o espaço social. Para além do sexo, da origem ou da categoria social, foram assim trazidas para análise diferentes áreas de estudo, associadas a diferentes tipos de estabelecimento e campos de saber. Analisaram-se várias tradições pedagógicas e disciplinares – umas de carácter mais científico, outras de carácter mais literário – que exigem diferentes níveis de ascetismo escolar, que estão associadas a diferentes trajetórias universitárias e que despertam relações muito específicas relativas ao futuro profissional e ao mundo social. A análise por *tipo de curso*, permitindo expor os limites explicativos de outras variáveis, já que a socialização universitária poderá ser tão elucidativa quanto a origem social, leva-nos à identificação de perfis sociais compósitos:

A singularidade do estudo de caso, que não assenta em casos ilustrados por tipos ideais, ou por tendências ou propriedades gerais muitas vezes estatisticamente associadas a um grupo, permite revelar situações bem mais frequentes estatisticamente do que podemos pensar inicialmente. (Lahire, 1999: 50)

Lahire sugere desta forma que os investigadores em ciências sociais (*idem*, 2008; Bourdieu, 1987), apoiando-se muitas vezes em dicotomias, distribuem diferentes grupos ou categorias de indivíduos em dois polos diferentes, tornando invisíveis determinadas realidades sociológicas. Por exemplo, a divisão que separa os/as estudantes que tendem para o «polo ascético», dos/as estudantes que tendem para o «polo hedonista», assenta em dois tipos ideais. Se procurarmos encontrar na realidade social os/as estudantes que melhor correspondem a cada um destes polos, arriscamo-nos a ter, estatisticamente, muito poucos/as candidatos/as, já que a grande maioria se situa em situações «médias», «mistas» e «ambivalentes». Os/as estudantes diferenciam-se, pois, segundo a área de estudos que seguem e em função das modalidades do trabalho escolar. Assim sendo, a partir de dados como

o volume de trabalho escolar dirigido e «pessoal», o grau de enquadramento pedagógico e de intensidade do trabalho intelectual exigido, o grau de concentração sobre os objectivos especificamente académicos, as

modalidades do trabalho escolar, os modos de avaliação das competências, as práticas de leitura, os usos da biblioteca, as salas de trabalho ou de informática e das máquinas de fotocopiar, as relações com as diferentes práticas culturais ou de lazer (Lahire, 2008: 162),

e rejeitando «o sistema de oposições pertinentes», são reconstruídas *matrizes socializadoras escolares-universitárias*.

Os dados do inquérito sobre as condições da vida estudantil, interpretados sob o ângulo da sociologia da leitura, do consumo e da legitimidade cultural, levam-nos àquilo que Lahire denomina de «monstros de duas cabeças». Se a cultura literária e artística, pela mobilização de categorias culturais, participa da dominação simbólica, esta não é generalizável a todo o espaço social. Observam-se deste modo estudantes de ciências que são «brilhantes» num microuniverso escolar e que se aproximam, ao mesmo tempo, dos «ignorantes» num espaço cultural global. Torna-se inequívoco que não existe um *sentido geral* de legitimidade cultural que seja independente dos domínios de estudo escolares. Os/as estudantes de ciências surgem com dois perfis, um mais erudito, outro mais popular (Lahire, 2002; Mauger, Poliak, & Pudal, 1999). Esta hipótese confirma-se quando consideramos algumas das práticas culturais extraescolares (Lahire, 2002). Ora, entre os/as diplomados/as do ensino superior, aqueles/as que seguem o ramo científico têm geralmente práticas culturais menos legítimas do que aqueles/as que, de nível escolar equivalente, seguiram pela via da literatura ou das ciências humanas (*idem*, 2004a).

A oposição entre as formações literárias e as formações científicas e técnicas permite, precisamente, dar conta de muitas das diferenças estabelecidas em termos de hábitos e de gostos e, por esta via, ir ao encontro de determinantes sociais das práticas de leitura. Frequentemente descurada pelos sociólogos da educação, que consideram a diferença entre os estudos científicos e técnicos (fortemente masculinizados) e os estudos literários⁵ como uma falsa evidência, esta diferença é, no entanto, fundamental para Lahire:

Se os sociólogos pensassem as legitimidades diferenciais e as desigualdades sociais perante a escola, quer nos termos da sociologia do conhecimento (das técnicas e dos hábitos intelectuais) e das práticas pedagógicas, quer nos termos da sociologia do poder, eles seriam levados a reconsiderar a importância, quer da natureza mais literária quer da mais científica das formações, constitutiva das disposições culturais que agem fortemente no mundo social. (Lahire, 2008: 164)

O estudo das *socializações múltiplas* no contexto de diferentes tradições pedagógicas e disciplinar-científicas, ou, dito de outro modo, o estudo da socialização silenciosa dos/as estudantes feita pelos ritmos de trabalho universitários e organização dos horários no espaço social do ensino superior, torna visíveis realidades sociais que, presas a uma explicação legitimista

⁵ Em sentido amplo do termo, incluindo os/as estudantes de direito e de ciências económicas, ou, mais restrito, de letras e ciências humanas e «Prépas Lettres», em função de cada caso.

das classes dominantes favorecidas no espaço social pelos capitais e recursos detidos, permaneceriam invisíveis aos olhos do sociólogo.

Na Sociologia portuguesa das últimas décadas têm-se também realizado vários grandes estudos quantitativos sobre os/as estudantes universitários/as. Ainda que os aspetos das práticas culturais das tradições pedagógicas não tenham sido muito aprofundados nestes estudos, há, ainda assim, alguns resultados que podem ser colocados em confronto com o trabalho de Lahire.

Numa linha de trabalho de mais de 20 anos, sediada no CIES-IUL, tem-se explorado, também, a diversidade social dos/as estudantes universitários/as⁶. Assim, podemos constatar que, embora o ensino superior tenha um público muito heterogéneo, áreas como as ciências médicas, o direito ou a economia e gestão concentram um público socialmente muito mais favorecido, enquanto as engenharias concentram um público muito masculinizado. Não será despiciente serem estas as áreas consideradas privilegiadas, em termos de condições laborais e *status* social. Estes estudos aprofundaram o papel da universidade não tanto como espaço pedagógico, mas, sobretudo, enquanto espaço de socialização, nomeadamente através da formação de redes de amizade. Neste caso, é muito relevante que a composição relativamente interclassista das sociabilidades estudantis seja claramente mitigada, precisamente, nos *tipos de cursos* referidos em cima – utilizando aqui apenas o critério da área do curso, visto que este não foi cruzado, nestes estudos, com o tipo de instituição –, reforçada, ainda, no caso das ciências médicas. Também nas orientações de valores estes cursos se destacam por albergarem alunos/as mais conservadores/as, meritocráticos/as e favoráveis às desigualdades sociais. Nas próprias expectativas quanto ao trabalho, observa-se uma clivagem: num extremo, os/as estudantes de letras, artes, ciências sociais e naturais, orientados/as para o desempenho de funções criativas e que enriqueçam culturalmente a sociedade («projeto sociocentrado»); no outro extremo, os/as alunos de economia, gestão e direito, mais orientados/as para alcançar uma posição de chefia, bem remunerada e com um alto *status* («projeto autocentrado»).

Apesar de estes dados serem coerentes com a tese das «duas cabeças», tanto as origens sociais como as expectativas de futuro, em termos de reconhecimento social, revelam uma clara assimetria: enquanto os/as estudantes de ciências médicas esperam ter maior rendimento e prestígio, parcialmente acompanhados/as pelos/as de direito, economia e gestão (mais rendimento) e de engenharia (mais prestígio), em termos de escolaridade e cultura, os resultados para os diferentes cursos são bastante equivalentes, aliás, com alguma primazia também das ciências médicas.

⁶ O trabalho dentro deste grupo tem dado origem a muitas publicações, várias delas disponíveis *online*. De entre estas, salientamos aqui Almeida et al. (2003), pois é provavelmente aquela que melhor sintetiza as diferentes análises que se têm produzido dentro desta linha de investigação.

Um estudo mais recente deste grupo, em parceria com o IS-FLUP, centrou-se na questão do sucesso académico (Costa, Lopes, & Caetano, 2014). Embora as questões pedagógicas tenham sido, aqui, colocadas em primeiro plano, estas foram entendidas, sobretudo, como estratégias organizacionais e só pontualmente foram associadas a diferentes *culturas académicas* e *tipos de curso*. Ainda assim, observaram-se alguns padrões importantes para esta discussão. Indicadores básicos de sucesso, como a «taxa de sobrevivência» e a «taxa de conclusão no tempo esperado», são maiores nos cursos de grande dimensão, naqueles que preenchem todas as vagas e têm notas de acesso mais elevadas, bem como nas áreas de saúde, educação e agricultura. A mobilidade entre *tipos de curso* é também significativa, a atestar pelo facto de, nas universidades públicas, acederem muito mais estudantes do que aqueles/as que terminam com êxito o seu curso, mas no ensino politécnico, sobretudo no privado, tender a ocorrer o fenómeno inverso: um número reduzido de estudantes a entrar pela primeira vez, no ensino superior, mas um número elevado de diplomados/as. Indo ao encontro do observado por Lahire, não deixa de ser interessante que as taxas de reprovação no ensino superior em Portugal parecem ter uma correlação muito baixa com as origens sociais dos/as estudantes e, inclusive, com as vias em que frequentaram o ensino secundário (geral, tecnológica ou profissional).

Voltando à teoria de Lahire sobre os modos de estudar no ensino superior, estes estudos parecem apontar igualmente para uma diversidade significativa, que, apenas parcialmente, se pode associar às desigualdades socioprofissionais. Perante um mosaico tão complexo e diverso, obtido pelo cruzamento de áreas do saber e tipos de instituições, o que nos parece problemático, atendendo a estes dados, é o posicionamento dos *tipos de curso* apenas num *continuum*, seja aquele que contrasta orientações ascéticas e hedonistas, seja aquele que distingue orientações científicas-técnicas e culturais-humanistas.

Por fim, na tese de doutoramento em curso de Sofia Amândio (2014) é construído um quadro de análise que representa um prolongamento da sociologia da ação de Bernard Lahire (2012), aplicado ao estudo da plurissocialização dos diplomados do ensino superior em gestão. Os percursos profissionais dos/as titulares de um diploma em gestão, atribuído por uma universidade portuguesa, são tratados do ponto de vista das posições, disposições/competências e desajustamentos aos contextos. A aferição da constituição de competências gestionárias assenta nos contextos familiares (posições sociais de origem e socialização por figuras de referência), universitários (diploma em gestão e transmissão por professores marcantes) e empresariais (posição socioprofissional e socialização organizacional por superiores hierárquicos e colegas).

Notas conclusivas

Se *O Homem Plural* (1998) é o livro mais notório de Bernard Lahire, este não é, como vimos, o seu primeiro livro. Os estudos sobre o insucesso escolar na escola primária, os casos de sucesso improváveis de crianças de extração popular ou, ainda, as práticas de estudo no ensino superior estão na origem deste livro de sistematização e de clarificação conceptual⁷. Mas foi, sobretudo, o estudo dos universos familiares populares que lhe permitiu tomar consciência empírica da heterogeneidade e, por vezes, mesmo do aspeto contraditório, dos princípios de socialização aos quais estão expostas as crianças no próprio seio da sua família ou dos princípios de socialização escolares/académicos a que uma mesma criança/jovem está desde cedo exposta. Os primeiros contributos do autor em sociologia da educação resultam, neste sentido, numa «sociologia à escala individual»:

Centrando-se na análise dos vincos mais singulares do social, a sociologia à escala individual (...) tem como desígnio ligar cada vez mais intimamente a economia psíquica aos quadros da vida social (...) É o interesse sociológico das variações interindividuais e intra-individuais que tento por em evidência há alguns anos (...) no quadro e uma teoria da acção fundada sobre uma sociologia da pluralidade disposicional (a socialização passada é mais ou menos heterogénea, e por vezes, mesmo contraditórias) e contextual (os contextos de actualizações das disposições são variados). O que se abre aqui é o campo de uma sociologia que se esforça por não negligenciar as bases individuais do mundo social, e que estuda, assim, indivíduos atravessando cenários, contextos, campos de força, etc., diferentes. (Lahire, 2005: 35-36)

Assim, o presente artigo procurou contribuir para o avanço da investigação em sociologia da educação, equacionando as propostas teóricas de Bernard Lahire, à luz de algumas pesquisas sobre temas afins realizadas no nosso país. Em termos muito sintéticos, esta análise deixa-nos a convicção de que estas propostas podem ser muito úteis para aprofundar e alargar a nossa compreensão dos fenómenos educativos, descentrando-a do trabalho escolar para combiná-la com as práticas de socialização familiar e, fundamentalmente, focando o trabalho realizado pelos indivíduos para «tecer» as disposições desenvolvidas em diferentes campos da vida social. Em todo o caso, pensamos tratar-se de uma questão central da construção das sociedades contemporâneas e sobre a qual há ainda um longo caminho de investigação e intervenção a percorrer.

A este propósito, o diálogo entre os estudos de Lahire sobre as realidades educativas e algumas linhas de investigação em Portugal sugere-nos várias novas pistas de pesquisa. Uma pri-

⁷ Uma reflexão de Bernard Lahire sobre as bases empíricas da sua sociologia da educação forjadas no conceito de ator plural, bem como a sua relação com uma «sociologia psicológica» ou à «escala individual», pode encontrar-se em Amândio (2012).

meira tem a ver com a possibilidade da própria pluralidade dos contextos escolares e acadêmicos (desde o pré-escolar até ao ensino superior), em termos de práticas pedagógicas, mas também das relações quotidianas e das próprias condições materiais, produzir (e ser produzida por) diferentes processos de socialização com uma influência importante na formação dos agentes sociais (e nas próprias dinâmicas familiares). Em que medida esses contextos de socialização têm (ou não) influência nas disposições que revelam os indivíduos, sobretudo em contextos como o familiar, o laboral, o comunitário? Como se processa (ou não) essa transferência entre contextos, ao longo dos trajetos biográficos? De notar que os contextos escolares e académicos são, eles próprios, dinâmicos, influenciados por pressões económicas, culturais e políticas. Mas de que forma isso condiciona a formação de disposições das novas gerações? Por exemplo, que impacto terá o recente reforço dos exames nacionais, ao longo de todo o processo de escolaridade, na socialização das crianças e adolescentes? Estas e outras questões merecem uma aprofundamento desta linha de investigação.

Agradecimentos: *Este artigo deve muito à estadia de Sofia Amândio na École Normale Supérieure de Lyon, durante três anos, no âmbito do seu projeto de doutoramento sob orientação de Bernard Lahire, onde teve também a oportunidade de colaborar diretamente com a sua equipa no Centre Max Weber – CNRS. Agradecemos também a Pedro Alcântara da Silva a atenta releitura de uma primeira versão do texto.*

Correspondência: *CIES-IUL, Avenida das Forças Armadas, Edifício ISCTE, 1649-026 Lisboa – Portugal
E-mail: pedro.abrantes@iscte.pt; aslao@iscte.pt*

Referências bibliográficas

- Abrantes, Pedro (2011). Revisitando a teoria da reprodução: Debate teórico e aplicações ao caso português. *Análise Social*, 199, 261-281.
- Almeida, Ana Nunes (2005). O que as famílias fazem à escola: Pistas para um debate. *Análise Social*, 176, 579-593.
- Almeida, João Ferreira de, Ávila, Patrícia, Casanova, José Luís, Costa, António Firmino, Machado, Fernando Luís, Martins, Susana da Cruz, & Mauritti, Rosário (2003). *Diversidade na universidade: Um inquérito aos estudantes de licenciatura*. Oeiras: Celta.
- Amândio, Sofia (2012). Entrevista com Bernard Lahire: Do homem plural ao mundo plural. *Análise Social*, 202, 195-208.
- Amândio, Sofia (2014). *Jovens atores da gestão: Origens de classe, percursos profissionais e competências* (Tese de doutoramento). Departamento de Sociologia do ISCTE, Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, Portugal.
- Bernstein, Basil (1975). *Langage et classes sociales*. Paris: Minuit.
- Bourdieu, Pierre, & Passeron, Jean-Claude (1970). *La reproduction: Éléments pour une théorie du système d'enseignement*. Paris: Minuit.

- Bourdieu, Pierre (1987). *Choses dites*. Paris: Minuit.
- Cortesão, Luiza (1994). Quotidianos marginais «desvendados» pelas crianças. *Educação, Sociedade & Culturas*, 1, 63-87.
- Costa, António Firmino, Lopes, João Teixeira, & Caetano, Ana (Orgs.) (2014). *Percursos de estudantes no ensino superior: Fatores e processos de sucesso e insucesso*. Lisboa: Mundos Sociais.
- Diogo, Ana Matias (2008). *Investimento das famílias na escola: Dinâmicas familiares e contexto escolar local*. Oeiras: Celta.
- Lahire, Bernard (1990). *Formes sociales scripturales et formes sociales orales: Une analyse sociologique de l'échec scolaire à l'école primaire* (Tese de doutoramento). Université Lumière Lyon 2, Lyon, França.
- Lahire, Bernard (1993a). *Culture écrite et inégalités scolaires*. Lyon: PUL.
- Lahire, Bernard (1993b). Pratiques d'écriture et sens pratique. In François de Singly & Martine Chaudron (Eds.), *Identité, lecture, écriture* (pp. 115-130). Paris: BPI/Centre Georges Pompidou.
- Lahire, Bernard (1993c). *La raison des plus faibles: Rapport au travail, écritures domestiques et lectures en milieux populaires*. Lille: PUL.
- Lahire, Bernard (1995). *Tableaux de familles: Heurs et malheurs scolaires en milieux populaires*. Paris: Gallimard/Seuil.
- Lahire, Bernard (1997). *Les manières d'étudier*. Paris: Documentation Française.
- Lahire, Bernard (1998). *L'homme pluriel: Les ressorts de l'action*. Paris: Nathan.
- Lahire, Bernard (1999). Esquisse du programme scientifique d'une sociologie psychologique. *Cahiers Internationaux de Sociologie, CVI*, 29-55.
- Lahire, Bernard (2000). Conditions d'études, manières d'étudier et pratiques culturelles. In Claude Grignon (Ed.), *Les conditions de vie des étudiants* (pp. 241-381). Paris: PUF.
- Lahire, Bernard (2002). Formes de la lecture étudiante et catégories scolaires de l'entendement lectoral. *Sociétés Contemporaines*, 48, 87-107.
- Lahire, Bernard (2003, maio). *Les difficultés scolaires des étudiants issus des milieux populaires*. Comunicação apresentada no colóquio «Démocratie, Classes Préparatoires et Grandes Écoles», École Normale Supérieure de Paris.
- Lahire, Bernard (2004a). *La culture des individus: Dissonances culturelles et distinction de soi*. Paris: La Découverte.
- Lahire, Bernard (2004b). Matrices socialisatrices scolaires, lectures étudiantes et redéfinition de la figure dominante de l'homme cultivé. In Francis Grossmann & Jean-Pascal Simon (Eds.), *Lecture à l'université: Langue maternelle, seconde et étrangère* (pp. 7-24). Berna: Peter Lang.
- Lahire, Bernard (2005). Patrimónios individuais de disposições: Para uma sociologia à escala individual. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 49, 11-42.
- Lahire, Bernard (2008). *La raison scolaire: École et pratiques d'écriture, entre savoir et pouvoir*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes/Paideia.
- Lahire, Bernard (2012). *Monde pluriel: Penser l'unité des sciences sociales*. Paris: Seuil.
- Mauger, Gérard, Poliak, Claude F., & Pudal, Bernard (1999). *Histoires de lecteurs*. Paris: Nathan.
- Palhares, José, & Torres, Leonor (2012). Governação da escola e excelência académica: As representações

- dos alunos distinguidos num quadro de excelência. *Sociologia da Educação/Revista Luso-Brasileira*, 2(4), 54-75.
- Roldão, Cristina (no prelo). *Factores e perfis de sucesso escolar «inesperado»: Trajectos de contratendência de sentido ascendente* (Tese de doutoramento). Departamento de Sociologia do ISCTE, Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, Portugal.
- Seabra, Teresa (1999). *Educação nas famílias: Etnicidade e classes sociais*. Lisboa: IIE.
- Stoer, Stephen R. (1994). Construindo a escola democrática através do campo de recontextualização pedagógica. *Educação, Sociedade & Culturas*, 1, 7-27.
- Stoer, Stephen R., & Cortesão, Luiza (1999). The reconstruction of home/school relations: Portuguese conceptions of the «responsible parent». *International Studies in Sociology of Education*, 9(1), 23-38.
- Stoer, Stephen R. (2001). Desocultando o voo das andorinhas: Educação inter/multicultural crítica como movimento social. In Stephen R. Stoer, Luiza Cortesão, & José A. Correia (Orgs.), *Transnacionalização da educação: Da crise da educação à «educação» da crise* (pp. 245-275). Porto: Edições Afrontamento.
- Teixeira, Elsa (2010). Percursos singulares: Sucesso escolar no ensino superior e grupos sociais desfavorecidos. *Sociologia: Revista do Departamento de Sociologia da FLUP*, 20, 375-393.